

COMO
**A ECONOMIA
CRESCER**

E POR QUE ELA
QUEBRA

A MONTANHA-RUSSA DA ECONOMIA

COMO A ECONOMIA CRESCCE



E POR QUE ELA QUEBRA

Uma parábola de

PETER D. SCHIFF
& **ANDREW J. SCHIFF**

Ilustrações de Brendan Leach



ALTA BOOKS
EDITORA
Rio de Janeiro, 2012

*A meu pai, Irwin Schiff, a todos os pais que
contam histórias para seus filhos, a meu filho,
Spencer, e a todos os filhos que as transmitem
às gerações seguintes.*

—Peter

*A Irwin, pela lógica, a Ellen, pelo carinho e
companheirismo, a Ethan, pelo entusiasmo, a
Eliza, pela imaginação, e a Paxton, pela casa
(algum dia, faremos sua lareira).*

—Andrew

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO viii

NOTA DO AUTOR ix

INTRODUÇÃO xi

CAPÍTULO 1 NASCE UMA IDEIA 1

CAPÍTULO 2 DISTRIBUIÇÃO DA RIQUEZA 13

CAPÍTULO 3 O USO DO CRÉDITO 27

CAPÍTULO 4 EXPANSÃO ECONÔMICA 37

CAPÍTULO 5 PROSPERIDADE ADORA COMPANHIA 47

CAPÍTULO 6 GUARDE NO BANCO 63

CAPÍTULO 7 INFRAESTRUTURA E COMÉRCIO 77

CAPÍTULO 8 O NASCIMENTO DE UMA REPÚBLICA 91

CAPÍTULO 9 UM GOVERNO CRIATIVO 101

CAPÍTULO 10 A DESVALORIZAÇÃO DO PEIXE 119

CAPÍTULO 11 SALVAÇÃO EXTERNA 129

CAPÍTULO 12 AMPLIAÇÃO DO SETOR DE SERVIÇOS 141

CAPÍTULO 13 O FIM DOS PEIXES RESGATÁVEIS 153

CAPÍTULO 14 AQUECIMENTO DO MERCADO DE CABANAS 161

CAPÍTULO 15 ACABANDO AS CABANAS 177

CAPÍTULO 16 ACELERANDO O CONSUMO 193

CAPÍTULO 17 POR ÁGUA ABAIXO 209

EPÍLOGO 223

AGRADECIMENTOS 229

SOBRE OS AUTORES 231

SOBRE O ILUSTRADOR 233

APRESENTAÇÃO



Além de presidente, Peter Schiff é o proprietário e representante oficial da Euro Pacific Capital, Inc. (Euro Pacific). Junto com suas obrigações como gerente de comunicações, Andrew Schiff acumula o cargo de corretor de valores da empresa. A Euro Pacific é uma corretora e distribuidora de valores registrada na FINRA (uma organização privada autorreguladora do setor financeiro) e membro da Securities Investor Protection Corporation (SIPC), uma instituição que visa proteger os investidores em títulos mobiliários. O objetivo deste livro é a veiculação de informações, sem a pretensão de fazer ofertas ou solicitações de compra ou venda de títulos e valores mobiliários ou de seus instrumentos, ou de participar de qualquer estratégia comercial específica.

NOTA DO AUTOR



Nesta alegoria sobre a história da economia estadunidense, o leitor identificará muitas personalidades e eventos. Mas a necessidade de condensar uma narrativa tão complexa em um livro ilustrado provocou uma economia de detalhes.

Os personagens retratam proezas de figuras históricas, mas vão além ao representarem ideias mais avançadas. Por exemplo, ao passo que Bento Carapaça é obviamente nossa versão do presidente do Federal Reserve*, Ben Bernanke, as ações de Carapaça na história não dizem respeito apenas à figura de Bernanke. Na verdade, ele é a representação de todos os economistas altamente inflacionistas.

Na vida real, os Federal Reserve Notes** foram introduzidos 20 anos antes da eleição de Franklin D. Roosevelt, mas devido à sua queda por gastos, decidimos creditar a ele a autoria da invenção. E, embora Chris Dodd fosse apenas uma criança quando a agência *Fannie Mae**** foi criada, por causa de sua grande contribuição à agência governamental, anos mais tarde, nós o agradecemos com o *status* de seu fundador em nossa história. As ilhas estrangeiras não correspondem a quaisquer países atuais, mas representam todas as nações mundiais.

Queiram, por favor, desculpar essas e outras liberdades cronológicas e biográficas.

* NR. Federal Reserve (O Banco Central dos E.U.A)

** NR. Federal Reserve Notes (no Brasil, correspondem aos títulos do Banco Central)

***Órgão governamental de empréstimos relacionados a hipotecas criado em 1938. Em 1968 foi transformado em empresa privada.



Acadêmicos vêm, há séculos, presenteando a humanidade com espetaculares avanços científicos em praticamente todos os campos de estudo... exceto um.

Mestres e doutores em matemática e física conseguem enviar uma espaçonave através de centenas de milhares de quilômetros pelo espaço e aterrissá-la em uma das luas de Saturno, com a simples ajuda de um paraquedas. Mas os estudiosos da “obscura” ciência econômica são incapazes de registrar uma vitória minimamente similar.

Se os engenheiros da NASA tivessem a capacidade de previsão de nossos mais talentosos economistas, a missão Cassini teria tido desfecho bem diferente. Além de passar longe da órbita de Saturno, o foguete provavelmente viraria em direção à Terra na decolagem atravessando a crosta terrestre até explodir nas profundezas do magma.

Em 2007, enquanto o mundo inteiro se apavorava frente à maior catástrofe econômica em três gerações, poucos economistas viam com clareza os problemas que despontavam no horizonte. Após três anos de caos, as soluções oferecidas

por eles soam simplesmente ridículas para a maioria das pessoas. Para eles, nós precisamos contrair novas dívidas para solucionar a grande dívida, e gastar mais para prosperar. A razão de visão tão curta e de soluções tão pobres e pouco intuitivas é que poucos economistas têm alguma noção de como sua ciência realmente funciona.

Essa lacuna de conhecimento é resultado da aceitação quase unânime das teorias de John Maynard Keynes, um acadêmico inglês muito inteligente do começo do século XX, que desenvolveu ideias de critério bastante duvidoso sobre o crescimento da economia. De um modo geral, Keynes conseguiu realizar um dos truques mais perfeitos que se poderia imaginar: tornar o simples irremediavelmente complexo!

Os físicos contemporâneos de Keynes começavam a investigar mais a fundo o conceito de Física Quântica, que, dentre outras coisas, dizia que o cosmo era governado por dois grupos distintos de leis físicas: um que regia as partículas microscópicas, como prótons e elétrons, e outro que abarcava todo o resto. Pressentindo, talvez, o momento de dar uma sacudida no marasmo dos estudos sobre economia, Keynes resolveu propor uma visão semelhante de mundo, onde um conjunto de leis governaria em nível micro (indivíduos e famílias), e outro em nível macro (nações e governos).

A teoria de Keynes surgiu no final do período de maior expansão da história da economia mundial. Em termos econômicos, houve um aumento inédito na capacidade produtiva e no padrão de vida da sociedade ocidental do século XIX até o começo do século XX. O epicentro desse

furacão foi o capitalismo livre dos Estados Unidos, um país notabilizado por sua preferência por direitos individuais e um governo liberal.

Entretanto, os elementos descentralizadores intrínsecos ao liberalismo econômico começaram a ameaçar as rígidas estruturas de poder existentes na maior parte do mundo. Além disso, a expansão capitalista provocou polos visíveis de riqueza e pobreza, o que levou cientistas sociais e mentes progressistas a procurar o que acreditavam ser uma alternativa correta ao capitalismo de livre mercado.

Empenhado em aplicar a modernidade da ciência em um mercado aparentemente injusto, Keynes terminou por dar cobertura a autoridades poderosas e pensamentos utópicos que acreditavam que a atividade econômica poderia ser mais bem planejada a partir das altas esferas.

A ideia central de sua teoria era que os governos poderiam mitigar a volatilidade da economia de mercado elevando a base monetária e aumentando os déficits orçamentários em períodos de recessão econômica.

Quando os discípulos de Keynes (chamados *keynesianos*) entraram em cena nos anos 1920 e 1930, surgiu um conflito entre eles e os seguidores da “Escola Austríaca”, que preferiam economistas como Ludwig von Mises. Os *austríacos* argumentavam que as recessões eram uma forma de compensação necessária à correção de decisões pouco adequadas tomadas durante as fases de boom, que sempre precediam as quedas. A crença dos *austríacos* era que os booms apareciam, a princípio, devido aos falsos sinais

enviados pelo governo às empresas, ao tentar “estimular” a economia diminuindo as taxas de juros.

Portanto, enquanto os *keynesianos* tentavam mitigar os efeitos adversos da economia, os *austriacos* tentavam evitar booms artificiais.

No cenário econômico seguinte, os *keynesianos* saíram na frente.

Atraídos por soluções cujos riscos eram pouco visíveis, políticos aceitaram suas teorias de forma instantânea. As promessas de aumento do número de empregos e crescimento imediato sem elevação das taxas de juros ou cortes nos serviços públicos fizeram da política econômica de Keynes um equivalente a dietas milagrosas com as quais se perde peso sem fome ou exercícios. Esperanças irracionais são reconfortantes e uma atração infalível em campanhas eleitorais.

A mentalidade keynesiana permite que os governos finjam ter o poder de aumentar o padrão de vida com o apoio apenas do zumbido das prensas da Casa da Moeda.

O resultado desta atitude tendenciosa foi que os *keynesianos* passaram a receber as mais altas incumbências governamentais. As universidades que produziam ministros de finanças e secretários do tesouro ganharam mais prestígio do que as outras. Os departamentos econômicos passaram a favorecer os professores que apoiavam essas ideias, e os *austriacos* foram, cada vez mais, relegados a um segundo plano.

As grandes instituições financeiras, outra fonte de emprego de economistas, também entraram em sintonia com os dogmas *keynesianos*. Os grandes bancos e as corretoras de valores passaram a obter mais lucros com dinheiro ao alcance da mão e créditos menos rigorosos. A crença de que as políticas governamentais devem facilitar investimentos é o aval necessário à intromissão oportunista das instituições financeiras nos recursos de investidores impulsivos. Não é à toa que preferem contratar economistas que têm essa mesma visão.

Com tantas e atraentes vantagens sobre seus sufocados rivais, uma sociedade dominada pela admiração mútua autossuficiente logo deu vida a um lote de eminentes economistas com uma lealdade congênita aos princípios de Keynes.

É crença inabalável de analistas econômicos que a responsabilidade pelo final da Grande Depressão coube às políticas keynesianas. Muitos até argumentam que, sem o estímulo fornecido pelo governo (incluindo os gastos necessários com a Segunda Guerra Mundial), a economia nunca teria se recuperado do caos econômico. À parte desta análise, há ainda o fato de que a Depressão foi a mais longa e difícil recessão da história moderna e a primeira onde foram utilizadas todas as ferramentas Keynesianas. A pergunta que não quer calar é se tais intervenções foram a causa ou a cura da Depressão, mas nenhum “economista” em sã consciência entraria neste debate.

Com *keynesianos* no controle de departamentos econômicos, ministérios financeiros e bancos de investimentos, é como se tivéssemos incumbido astrólogos em vez de astrônomos para

calcular a velocidade das órbitas dos corpos celestes. (Sim, o satélite se chocou com um asteroide, mas a colisão poderia dar vazão a possibilidades estimulantes!).

O aspecto tragicômico da cena é que, a despeito do número de missões incompletas ou de foguetes que explodirem na plataforma, nenhuma autoridade de peso questiona os modelos desses economistas.

A maioria das pessoas comuns, justiça seja feita, já percebeu que economistas não enxergam muitos palmos à sua frente. Os próprios economistas reconhecem que nem sempre conseguem enxergar o fio da meada, pois o assunto em si é tão vasto, obscuro e ilógico, que um real poder de previsão extrapola a capacidade das mentes mais privilegiadas.

E se eu disser que a dualidade econômica proposta por Keynes não existe? E se economia for algo bem mais simples do que se anuncia? E se não houver necessidade de posições polarizadas? E se for impossível tanto para uma família ou para uma nação gastar para prosperar?

Quem leu minhas previsões certas sobre a recessão econômica de 2008 costuma associar a minha capacidade de visão à minha inteligência. Mas posso assegurar que não sou mais esperto do que a maioria dos economistas, que não enxergariam uma bolha especulativa dormindo em sua sala de estar. O que eu tenho é um conhecimento fundamental e claro dos princípios básicos da economia.

Tenho essa vantagem por, ainda na minha infância, ter sido apresentado às ferramentas fundamentais à compreensão da teia econômica. As demonstrações vieram no formato de

histórias, alegorias e experimentações. Uma delas, por sinal, foi utilizada como base para este livro.

Irwin Schiff se tornou figura de renome e sempre associada ao movimento nacional de resistência ao pagamento do imposto de renda. Desafiou, por mais de 35 anos, e quase sempre de forma obsessiva, os métodos de cobrança da Receita Federal, sustentando que o imposto de renda viola três cláusulas sobre impostos da Constituição, a 16^a Emenda e as próprias leis sobre receita. Escreveu vários livros sobre o assunto e enfrentou o governo pessoalmente nos tribunais, atividade pela qual pagou um alto preço, pois, aos 82 anos, encontra-se encarcerado em uma prisão federal.

Antes de se interessar pela questão dos impostos, Irwin Schiff foi um renomado economista.

Nasceu em 1928, em New Haven, oitavo filho de uma família de imigrantes de baixa renda. Seu pai foi um sindicalista e todos os familiares eram seguidores ardorosos do *New Deal* de Roosevelt. Quando entrou para a Universidade de Connecticut, em 1946, para estudar Economia, nada em seu temperamento ou em sua história pessoal teria levado alguém a crer que rejeitaria de forma tão ferrenha a ortodoxia dominante, abraçando as ideias econômicas defendidas pelos antiquados *austriacos*... mas assim foi.

Sempre foi um pensador independente, traço que, combinado com uma dose excessiva de autoconfiança, talvez o tenha levado a concluir que as lições aprendidas não correspondiam exatamente à realidade circundante. Pesquisando o grande espectro das teorias econômicas com

mais profundidade, acabou chegando a livros de pensadores bem libertários, como Henry Hazlitt e Henry Grady Weaver. Embora seu processo de conversão tenha sido gradual (levou toda a década de 1950 para se completar), emergiu ao final como um acirrado defensor do dinheiro vivo, governo limitado, dos juros baixos e da responsabilidade individual. Em 1964, Irwin foi um defensor entusiasta da campanha presidencial de Barry Goldwater.

Na Conferência Monetária de Bretton Woods, em 1944, os Estados Unidos persuadiram as nações a converterem seus recursos em dólares em vez de ouro. Como os Estados Unidos eram donos de 80% do ouro mundial e se comprometeram com o câmbio de uma onça-troy (aproximadamente 31 gramas) de ouro a 35 dólares, a aceitação foi quase unânime.

Entretanto, 40 anos de inflação monetária causada por gerentes financeiros *keynesianos* da Receita Federal causaram uma subvalorização do preço fixado do ouro. O descompasso causou o fenômeno que ficou conhecido como *gold drain* (crise do ouro), uma corrida dos governantes mundiais, iniciada pela França, em 1965, pela conversão dos Títulos do Banco Central Americano por ouro. Com o preço do metal cotado nos níveis de 1932, a conversão era uma oportunidade única e, nesse galope, os governos estrangeiros drenariam rapidamente as reservas estadunidenses.

Em 1968, os consultores econômicos do presidente Lyndon Johnson argumentaram que a causa da crise do ouro não havia sido a procura pelos preços baixos do valioso metal, mas o receio de governantes estrangeiros de que as reservas de ouro fossem insuficientes para assegurar suporte para *ambos*

os títulos nacionais e internacionais. Para acalmar os ânimos, o comitê financeiro do presidente o aconselhou a remover a garantia de 25% em ouro para dólares domésticos, a fim de que essas reservas fossem disponíveis para detentores estrangeiros de dólares. Presumidamente essa proteção adicional transmitiria segurança e daria fim à drenagem de ouro para fora do país. Irwin, então um jovem homem de negócios em Connecticut, achou aquele raciocínio absurdo.

Ele mandou uma carta ao senador John Tower, membro do comitê de revisão da questão do ouro, explicando que os Estados Unidos tinham duas opções: causar uma deflação geral nos preços para alinhá-los ao valor do ouro em 1932 ou valorizar o ouro alinhando-o aos preços de 1968. Em outras palavras, fazer os ajustes relativos a 40 anos de inflação keynesiana. Não havia saída, era deflacionar os preços ou desvalorizar o dólar.

A preferência de Irwin era pela deflação, solução mais confiável e capaz de restaurar o poder de compra do dólar, mas compreendeu que economistas equivocados viam a queda de preços como uma catástrofe, sem contar que governantes têm uma queda natural pela inflação (assunto de análise deste livro). Respeitando as tendências, argumentou que as autoridades deveriam ao menos reconhecer a necessidade de redução para, então, proceder oficialmente à desvalorização do dólar com relação ao ouro. Seus cálculos revelaram que o ouro deveria atingir o valor de \$ 105 a onça.

Havia ainda uma terceira opção, mais provável e perigosa: o governo não fazer nada (e foi a escolhida). Tal como no cenário atual, a escolha ficou entre enfrentar o desafio ou empurrar o problema para as gerações futuras. Eles preferiram empurrar – e nós somos a geração futura.

Tower ficou tão impressionado com a base lógica da argumentação, que o convidou a apresentá-la pessoalmente a todo o comitê. Durante as audiências, os mais conceituados especialistas do Banco Central, do Tesouro Nacional e do Congresso atestaram que a remoção da garantia do ouro fortaleceria o dólar e causaria uma queda no preço do metal, introduzindo uma fase de prosperidade econômica.

Em seu depoimento, Irwin declarou que a remoção da garantia do ouro da moeda norte-americana faria o preço do ouro subir. E mais, avisou que uma moeda sem valor intrínseco provocaria uma inflação galopante e dívidas governamentais insustentáveis. Sua opinião minoritária foi solenemente ignorada, e a garantia do ouro foi removida.*

Contrariando a todas as previsões dos economistas, a disponibilidade de reservas extras falhou em conter o escoamento do ouro. Finalmente, em 1971, o presidente Richard Nixon fechou as comportas, fato que rompeu por completo o último vínculo entre o dólar e o ouro. O sistema econômico global se tornou dependente de uma moeda sem nenhum valor. Ao longo da década seguinte, os Estados Unidos experimentaram o pior surto inflacionário de sua história, e o preço da onça do ouro atingiu o patamar de U\$ 800.

(*) Para ler o testemunho de Irwin na íntegra, vá ao Apêndice A do livro *The Biggest Con: How the Government Is Fleecing You*, (Freedom Books, 1978).

Em 1972, Irwin decidiu escrever seu primeiro maior ataque à maneira como a economia keynesiana estava levando o país a um cenário econômico insustentável. Seu livro *The Biggest Con: How the Government Is Fleecing You*, foi aclamado pela crítica e teve boa vendagem. Entre as várias anedotas contidas no livro, há uma história sobre três homens em uma ilha, que pescavam com as próprias mãos.

A história foi criada como um passatempo durante viagens de carro da família. Em engarrafamentos, Irwin tentava entreter seus dois meninos com histórias contendo lições básicas de economia (o sonho de qualquer menino!) e, de preferência, engraçadas. Essa era a “A História dos Peixes”.

A alegoria era o enredo central de um capítulo de *The Biggest Con*. Cerca de oito anos depois, e em razão de inúmeros comentários de leitores que haviam adorado a história, Irwin resolveu transformá-la em um livro completo e ilustrado. *How Economy Grows and Why It Doesn't* foi publicado pela primeira vez em 1979 e quase virou objeto *cult* entre os seguidores da Escola Austríaca.

Depois de 30 anos, enquanto observo a economia dos Estados Unidos à beira do abismo e vejo o governo repetir e cometer os mesmos erros do passado, eu e meu irmão achamos que estava na hora de reeditar e atualizar “A História dos Peixes” para as novas gerações.

Penso que este é o momento ideal para uma dose de esclarecimento sobre economia, e a história é uma ótima ferramenta para demonstrar de forma bem compreensível o que faz a economia andar.

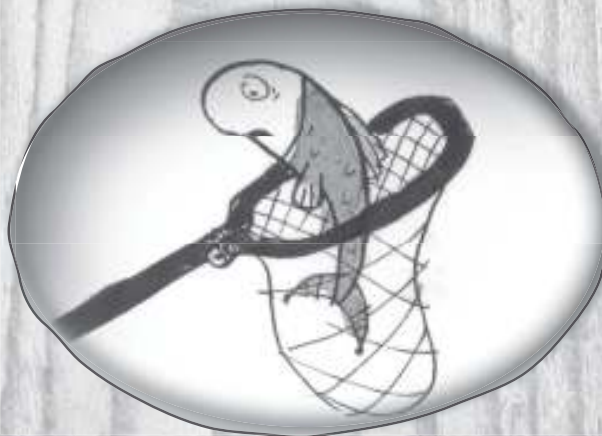
É uma versão, no geral, mais ambiciosa do que a esboçada por Irwin 30 anos atrás. Nossa visão é mais abrangente e nossa tentativa de incorporar a sequência histórica é mais profunda. O livro atual pode ser descrito como uma improvisação sobre original.

Nossa expectativa é que esta obra desperte o interesse de quem gosta de ignorar comentários de economistas cujos conceitos parecem desconectados da vida real. Queremos provar que o modelo proposto pelos *keynesianos*, segundo o qual governos não medem seus gastos apoiados na crença de que uma moeda desvalorizada é um bom lubrificante econômico, é falso e perigoso.

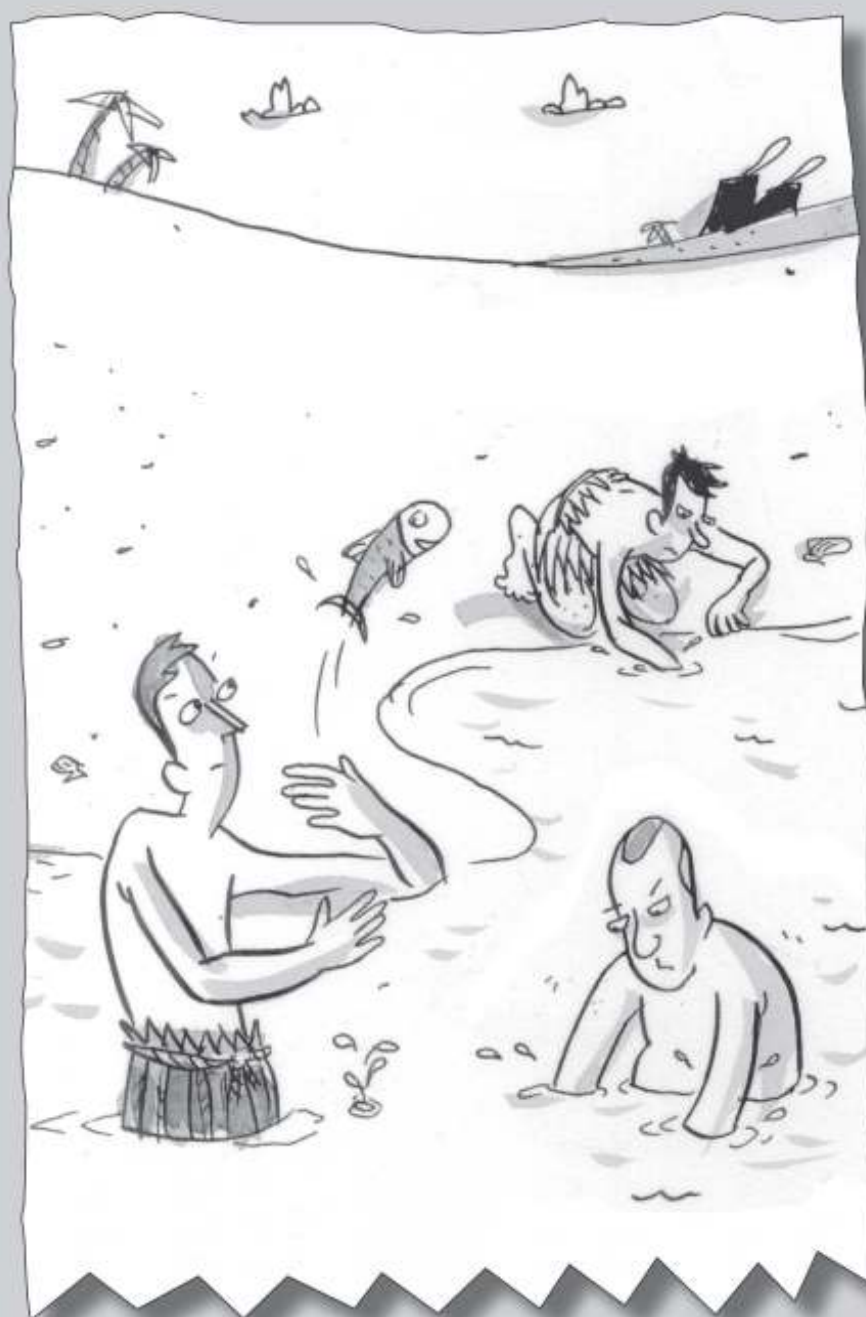
A notícia ruim é que, quando você retirar as lentes cor de rosa que todos os nossos economistas esqueceram que estão usando, poderá ver claramente que enfrentamos um problema sério que no momento estamos tornando pior, não melhor. A boa notícia é que se nos permitirmos um pouco de iluminação, então, ao menos poderemos tentar resolver os problemas.

Embora o tema seja extremamente sério, nós abordamos o projeto com o tipo de humor que é absolutamente vital em tempos de estresse – assim como Irwin gostaria.

CAPÍTULO
1
NASCE UMA
IDEIA



Era uma vez, três homens – Abel, Beto e Carlos – que viviam sozinhos em uma ilha. Não era um paraíso tropical, era um lugar inóspito e sem qualquer luxo. No que diz respeito à comida, então, não havia muita variedade. Na verdade, sua dieta consistia de um alimento apenas: peixe.



Por sorte, a ilha era cercada de cardumes de uma espécie homogênea e grande o suficiente para alimentar um ser humano por um dia. Mas era um lugar isolado e ainda inacessível às avançadas técnicas de pescaria da humanidade. A melhor maneira de pescar que nossos amigos conheciam era pular na água e tentar agarrar os escorregadios animais aquáticos com as próprias mãos.



Com técnica tão ineficiente, conseguiam pegar uma unidade por dia cada um, o suficiente para sua sobrevivência até o dia seguinte. A atividade era a única representação da rudimentar economia da ilha. Acordar, pescar, comer, dormir. Não era exatamente uma vida excitante, mas poderia ser pior...

Assim, nesta pequena sociedade insular fã de *sushi*:

Não havia poupanças!

Não havia créditos!

Não havia investimentos!



Tudo o que se produzia era consumido! Não havia reservas para emergências, e muito menos para empréstimos.

Os simpáticos moradores da ilha viviam em uma sociedade primitiva, mas nem por isso eram ignorantes ou deixavam de ter lá suas ambições. Como quaisquer outros seres humanos, Abel, Beto e Carlos queriam melhorar seu padrão de vida. Assim, sua capacidade de pescaria precisava suplantar a marca mínima de três peixes por dia. Infelizmente, devido à pescaria feita com as mãos e à agilidade dos peixes, estavam condenados a permanecer em nível de subsistência.

Uma noite, mirando o céu intensamente estrelado, Abel questionou o significado da vida... “Será que isso é tudo? A vida deve ser bem mais do que apenas *isso*.”

Abel queria fazer algo mais além de ficar apenas pescando com as mãos. Ele adoraria desenhar roupas de folhas de palmeira melhores e mais modernas, queria construir um abrigo que o protegesse das monções e queria, principalmente, dirigir um longa-metragem. Mas seria difícil realizar seus sonhos se todos os dias eram dedicados inteiramente ao trabalho de pescar.

Ele, então, botou o cérebro para funcionar... Subitamente, teve a ideia de fazer uma ***armadilha para peixes***... uma ferramenta de dupla função: facilitar a captura e dificultar a fuga dos peixes. Mais peixes em menos tempo! E tempo livre para criar novas roupas de folhas de palmeira, construir um abrigo e dar os toques finais no roteiro.





E, conforme o dispositivo tomava forma em sua mente, deixava-se envolver pelo som melodioso de seu futuro, livre da rotina diária da pescaria.

Chamou seu novo recurso de “puçá”, e saiu em busca de materiais para a sua construção.

No dia seguinte, Beto e Carlos notaram que Abel não estava pescando e o viram sentado na areia, fazendo uma corda de cipós.

— E aí? — chamou Beto. — Está de dieta ou o quê? Se ficar aí brincando, vai acabar com fome.

Abel explicou que estava decidido a criar um utensílio que abriria oceanos de possibilidades de pescaria.

— Quando eu terminar, passarei menos tempo pescando e nunca mais terei fome.

Carlos revirou os olhos, pensando que seu amigo tinha perdido a razão, afinal.



— Isso é loucura, loucura!

Se, depois, não funcionar, não venha me implorar por um pedaço de peixe. Minha sanidade não está a serviço de sua insensatez.

Abel ignorou a advertência e continuou seu trabalho.

Ao final do dia, Abel completara seu puçá! Ele *criara capital* através do *sacrifício pessoal*!



VIDA REAL

A modesta iniciativa de Abel demonstrou um princípio básico de economia que pode levar a um aumento do nível de vida: ele está **subconsumindo** e assumindo **riscos**.

Subconsumo: A construção do puçá toma todo o dia de Abel e não sobra tempo para pescar. Precisa abrir mão do ganho (o peixe) que teria normalmente pescado e comido. Abel continua precisando do peixe; na verdade, adora peixe e ficará com fome se não pescar, como é o habitual. A sua necessidade de peixe não é maior ou menor que a de seus amigos, mas preferiu adiar um consumo diário de peixe em nome de um consumo potencialmente maior no futuro.

Riscos: Abel também está assumindo riscos, pois não tem certeza se sua ferramenta vai realmente funcionar, ou pelo menos permitir que pesque o suficiente para compensar o seu sacrifício. No final, pode acabar com apenas um emaranhado de cipós e um estômago vazio. Se falhar, não poderá contar com Beto ou Carlos, que tentou até chamá-lo à razão.

Em termos econômicos, o capital não é algo cuja finalidade esteja em si mesmo, mas, sim, em ser utilizado para obtenção do que se deseja. Abel não quer um puçá, quer peixes. O puçá é o meio de obter os peixes. Portanto, é esse o valor do puçá como forma de capital.

Naquela noite, Beto e Carlos dormiram de barriga cheia enquanto Abel sentiu as pontadas da fome e sonhou com imagens de peixes suculentos dançando ao redor de sua cabeça. Mas as dores não foram maiores do que sua certeza de que havia feito a coisa certa e que um futuro brilhante e cheio de peixes o aguardava.

De manhã, Beto e Carlos caíram na gozação com a invenção de Abel.

— Olha só que chapéu charmoso — disse Beto.

— Está meio quente para jogar tênis, não acha? — completou Carlos.



— Riam à vontade, rapazes — respondeu Abel. — Vamos ver quem ri por último quando eu chegar carregado de peixes até o pescoço.

Conforme Abel foi encarando a arrebentação, a zombaria continuou ao verem o pobre ainda desajeitado com seu novo e estranho brinquedo.

Mas Abel pegou rapidamente o jeito e logo apanhou um peixe.



Beto e Carlos pararam de rir. Quando, em poucas horas, Abel trouxe o segundo peixe do dia, ficaram totalmente abismados, afinal, sempre levavam o dia inteiro para pegar apenas um único peixe!

Este simples ato foi o marco inicial da grande mudança que transformaria a economia da ilha. Abel acabara de multiplicar sua produtividade, trazendo vantagem para todos.

Naquele momento, Abel considerou aquilo uma bênção.

— Se posso prover o sustento de dois dias com apenas um de pescaria, terei dias livres para outras atividades. Terei um leque de possibilidades!

✓ VIDA REAL

Ao dobrar sua produtividade, Abel se tornou capaz de produzir mais do que precisava para seu consumo. A partir de ganhos na **produtividade**, surgem muitos outros benefícios econômicos.

Antes de Abel assumir o risco de gastar tempo construindo um puçá, a ilha não conhecia qualquer forma de poupança. Sua disposição para assumir riscos e sua coragem de encarar a fome resultaram no primeiro meio de produção da ilha, o qual possibilitou a formação de um fundo de reserva (vamos fazer de conta que peixes não se deterioram). Essa produção excedente é a própria corrente vital de uma economia saudável.



O QUE SE LEVA

Em todas as espécies, exceto a nossa, as questões econômicas estão presentes na luta diária pela sobrevivência. Seja na disputa por alimentação escassa, na aspereza dos elementos, no perigo iminente de predadores, na vulnerabilidade às doenças, além da rara possibilidade de inovação, a batalha pela sobrevivência em seu nível mais básico (com pequenos intervalos para a manutenção da espécie) é tudo com que um animal pode contar. Estaríamos todos no mesmo barco (e estávamos há bem pouco tempo) se não fosse por duas razões: mãos ágeis e nossas privilegiadas massas encefálicas. Esta combinação propiciou a construção de máquinas e ferramentas que expandiram nossa capacidade de lidar com o meio ambiente.

O economista Thomas Woods gosta de desafiar seus alunos com uma única pergunta: como seria o perfil de uma economia desprovida de todas as máquinas e ferramentas existentes? Carros, tratores, ferro fundido, pás, carrinhos de mão, serrotes, martelos, lanças e tudo o mais. Se sumissem no ar, “*puff*”, e o que consumimos tivesse de ser caçado, coletado, adubado ou fabricado com nossas PRÓPRIAS MÃOS?

Não resta dúvida de que a vida seria um inferno. Imagine a dificuldade para comer se tivéssemos que abater a caça com nossos dentes, punhos e unhas. Animais grandes estariam fora do jogo; coelhos, no máximo, estariam ao nosso alcance... mas teríamos de pegá-los primeiro! E se tivéssemos de plantar e colher verduras e legumes com as mãos e ainda